



## TIM ETHELLS ENCENADOR E ARTISTA PLÁSTICO

# ‘Quero destruir o teatro para ver as várias peças que o compõem’

Rita Silva Freire  
rita.s.freire@sol.pt

**Tim Etchells é o novo Artista na Cidade. Vai apresentar peças longas com os Forced Entertainment, trabalhar com companhias portuguesas e expor o seu trabalho plástico. Tudo provocando choques eléctricos.**

Depois de Anne Teresa De Keersmaecker é a vez do britânico Tim Etchells ser o Artista na Cidade. Ao longo de 2014, o fundador e director artístico dos Forced Entertainment, a muito aclamada companhia de teatro experimental fundada em Sheffield em 1984, vai mostrar o seu trabalho em Lisboa. E não apenas o de palco, mas também o que tem vindo a desenvolver; a título individual, na área das artes plásticas. O actor, encenador, dramaturgo e artista plástico esteve em Lisboa para apresentar o que vai mostrar na cidade: uma espécie de retrospectiva do seu trabalho, novos textos, néons, fotografia e colaborações com a Companhia Maior e o Projecto Panos.

### O que vamos poder ver em 2014?

Uma grande variedade de coisas, desde o trabalho com os Forced Entertainment, que consiste em espectáculos longos durante os quais o público pode sair e entrar; alguns trabalhos improvisados, espectáculos teatrais bastante caóticos e outros mínimos e extremamente focados num tema. E vou também mostrar algum trabalho em fotografia e outro em néon. Parte estará exposto em galerias, outra parte em espaços públicos da cidade. E tenho projectos com os parceiros locais: vou escrever um texto para os jo-

vens do Panos e outro para a Companhia Maior. É uma grande mistura de coisas. O que é excelente.

**Tem performances teatrais bastante longas. Como funcionam? Podem durar entre seis a 24 horas.**

“

**O que importa na performance são as transacções entre quem actua e quem assiste**

**Interessa-me a improvisação e uma estética rude. Para alguns é fantástico. Outros demoram a perceber**

”

Aqui vamos apresentar peças de seis horas. O público pode chegar a qualquer altura e pode ficar o tempo que desejar e voltar quando quiser. É muito interessante. As pessoas muitas vezes chegam pensando que vão ficar apenas um bocado para ver o que estamos a fazer. Achem que vão ficar meia hora e acabam por ficar quatro horas. No teatro temos muitas vezes aquele pensamento: ‘Oh Deus, tirem-me daqui, quanto tempo é que isto vai durar?’. Mas nestas peças longas, porque se pode sair a qualquer altura, as pessoas sentem vontade de ficar, uma vez que não são obrigadas a fazê-lo. É um contrato completamente diferente. As pessoas gostam disso. Claro que é um grande desafio para os actores, que ficam numa posição um bocado estranha. Mas também fica o público.

**Na apresentação citou Baudelaire que diz que uma criança quando vê um brinquedo o quer destruir. Também quer destruir o teatro?**

Quero pegar no teatro e tentar perceber o que se pode fazer com ele. Baudelaire diz que a criança tem vontade de partir o brinquedo para o perceber. Por vezes sinto isso em relação ao teatro, vontade de o destruir para ver as várias peças que o compõem e descobrir como as podemos juntar de novo de forma diferente. Mas o que é importante para mim na *performance* é o tipo de transacções que ocorrem quando alguém actua e alguém assiste a essa actuação. Depois de 30 anos a fazer teatro ainda me sinto totalmente fascinado pela fragilidade e electricidade des-

sa troca ou negociação. E isso influencia tudo o que faço. Esse encontro e a electricidade nele presente.

**O seu trabalho é reconhecido e aclamado. No entanto, muitos continuam a vê-lo como alternativo. Por que acha que isso acontece?**

Tenho interesse na improvisação e numa estética um pouco rude, caseira. O meu trabalho não é muito estético no sentido clássico do termo. Apesar de tudo ser controlado e decidido, pode parecer que não é, pode parecer pouco limpo. Para alguns públicos isso é fantástico. Mas algumas pessoas gostam que a arte corresponda mais à ideia clássica que tem dela e demoram algum tempo a perceber que este trabalho está feito de forma cuidada. Há uma energia que as pessoas podem não perceber de imediato, caso estejam habituadas a peças mais formais.

**Vai apresentar trabalhos na área do teatro e outras de artes plásticas. Põe estas duas artes lado a lado ou há alguma que pesa mais?**

Gostaria de pensar que estão ao mesmo nível. Algumas pessoas conhecem realmente bem o meu trabalho teatral e por isso o resto parece secundário. Mas há agora muita gente com quem trabalho nas artes visuais que não conhece de todo o meu trabalho de palco. Sabem que o faço, mas nunca o viram. É um equilíbrio que está a mudar; o que é muito interessante: há quem conheça bem o meu trabalho teatral e tenha uma ideia do resto e depois há pessoas no lado oposto, que me associam muito mais aos néons do que às *performances* teatrais. Costumava sentir que eram trabalhos distintos, que não podia falar de ambas as artes na mesma conversa. Que tinha de escolher um dos cha-





péus. Mas nos últimos três ou quatro anos isso mudou, porque andei a pensar nas ligações entre os dois. Agora vejo-os como parte do mesmo projecto artístico. A forma muda, as circunstâncias de produção mudam, tal como o contexto em que se mostra o trabalho, mas estou ocupado com as mesmas questões.

#### Quais?

Duas. Há a questão do abrir um espaço de encontro entre artista e espectador: E depois há a linguagem, do seu funcionamento, de como nos define, de como nos aprisiona, e de como nos abre novas possibilidades. Volto sempre às palavras e às suas possibilidades. A linguagem é uma prisão mas é também uma chave fantástica para abrir portas. E isso está presente ao longo de todo o meu trabalho.